



NAS PAREDES OCIDENTALIZADAS FIXAMOS NOSSAS EXPERIÊNCIAS DE DESAPRENDIZAGENS

ON WESTERN WALLS WE FIX OUR UNLEARNING EXPERIENCESTITLE

Fábio Wosniak (UNIFAP)

RESUMO

O presente ensaio aborda a decolonização da arte/educação e da pesquisa por meio da abordagem teórico-metodológica das Encanterias, que valoriza os saberes ancestrais amazônicos e fomenta uma arte/educação intercultural. Referenciando-se em pensadores/as como hooks (2020), Escobar (2028) e Gómez (2019), este trabalho concebe a arte/educação como um ato de amor e resistência contra as opressões oriundas da colonialidade. Por meio de experiências práticas em artes visuais, que culminam na exposição "Imagens Insurgentes", sugere-se uma reimaginação da pesquisa como uma prática coletiva e inclusiva. As Encanterias, sob a perspectiva de uma arte/educação dissidente (WOSNIAK, 2022;2023a;2023b), revelam-se como um ato ético-político-poético que desafia as hierarquias acadêmicas, promovendo maneiras mais inventivas de pensar, fazer e sentir a pesquisa em arte/educação.

PALAVRAS-CHAVE

Abordagem das Encanterias. Arte/Educação dissidente. Pesquisa em Arte/Educação. Ensino de Artes Visuais.

ABSTRACT

This essay addresses the decolonization of art/education and research through the theoretical-methodological approach of Encanterias, which values Amazonian ancestral knowledge and promotes an intercultural art/education. Referencing thinkers such as hooks (2020), Escobar (2028), and Gómez (2019), this work conceives art/education as an act of love and resistance against the oppressions stemming from coloniality. Through practical experiences in visual arts, culminating in the "Insurgent Images" exhibition, it suggests a reimagination of research as a collective and inclusive practice. The Encanterias, from the perspective of a dissenting art/education, reveal themselves as an ethical-political-poetic act that challenges academic hierarchies, promoting more inventive ways of thinking, doing, and feeling research in art/education.

KEYWORDS

Approach to Encanterias. Dissident Art/Education. Research in Art/Education. Teaching of Visual Arts.



A arte é conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada. A cultura é o contrário. Nós não temos cultura, nós temos modos - modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida. E os modos podem ser modificados. Quando a gira está rodando num terreiro e alguém puxa um ponto, todo mundo canta junto (...) dentro da cultura, é preciso se submeter às notas. A cultura é uma coisa padronizada, mercantilizada, colonial. Os colonialistas dizem que não temos cultura quando não nos comportamos do jeito deles.

Fragmentos de a terra dá, a terra quer.
Antônio Bispo dos Santos (2023, p.23)

Este texto é resultado de um processo de desaprendizagem, acompanhado pela constante busca por referências que transcendam o paradigma colonial de aprender e conduzir pesquisas. Esta jornada é fundamentada em uma pedagogia da escuta amorosa, estabelecida entre mim, enquanto professor, e meus orientandos/as. O que se apresenta são ressonâncias de um processo em cinco orientações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no percurso da formação inicial em artes visuais, culminando na exposição intitulada “Imagens Insurgentes”, enraizada em experiências que emergem de observações e questionamentos sobre as violências engendradas pela colonialidade. Esses percursos afetam o sentir, o pensar e o agir (GÓMEZ, 2019), relegando os saberes ancestrais da Amazônia e de suas comunidades a meros objetos de estudo. Nesse cenário, os conhecimentos tradicionais são frequentemente usurpados e subjugados, ocultados por um sistema disciplinar que exerce controle e tutela, legitimado por instituições e seus pesquisadores e especialistas (AZOULAY, 2024).

Tenho uma convicção profunda de que a educação transcende a mera transmissão de conhecimento; ela pode ser uma manifestação de afetos, um veículo para a liberação que confronta e desmantela estruturas opressoras, promovendo a “cura” das feridas infligidas pelo colonialismo. Essa noção é fortemente influenciada pelas ideias de bell hooks (2020), que argumenta que o amor vai além de um simples sentimento. Para hooks, o amor é uma ação, uma força transformadora que pode remodelar as dinâmicas interpessoais e, por extensão, as abordagens pedagógicas.

Adotar uma pedagogia centrada na escuta amorosa significa engajar-se em uma prática que vai além de aplicar métodos educacionais convencionais. Trata-se de



assumir uma postura ética/estética, comprometida com o respeito à dignidade e à integridade dos conhecimentos e experiências, tanto de acadêmicos/as quanto das comunidades com as quais interagimos. Esta abordagem pedagógica, inspirada nas reflexões de hooks, enfatiza a educação como um ato de amor e resistência. Ela nos desafia a repensar e ultrapassar os paradigmas de um sistema educacional que, frequentemente, perpetua práticas de aprendizagem que sustentam um ciclo de violência e marginalização.

Desde 2022, venho experienciando e desenvolvendo a abordagem teórico-metodológica das Encanterias (WOSNIAK, 2022, 2023a; 2023b; GUEDES; WOSNIAK, 2022), conforme detalhado em minhas publicações de 2022 e 2023, tanto na orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) quanto nas disciplinas que leciono no curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Esta abordagem marca um desvio significativo dos métodos convencionais de ensino, aprendizagem e pesquisa em Arte/Educação, ao tecer de maneira inventiva o processo educacional e a prática artística com os conhecimentos ancestrais, dando especial atenção às tradições da Amazônia. A metodologia das Encanterias tem demonstrado seu potencial em fomentar uma pedagogia da arte que é não apenas inclusiva e intercultural, mas também transdisciplinarⁱ. Ela constrói conexões entre diversas áreas do conhecimento, valorizando a diversidade de saberes. Ao fazer isso, a abordagem das Encanterias posiciona o conhecimento e a aprendizagem como processos intrinsecamente ligados à vida, à natureza e à comunidade. Essa experiência, destaca a importância e a urgência de repensar as práticas educativas e de pesquisa no ensino superior, especialmente em áreas que dialogam diretamente com a expressão cultural, artística e a valorização dos saberes ancestrais.

Neste sentido, a abordagem das Encanterias é uma prática viva de engajamento com o mundo e no mundo, onde a pesquisa é entendida como uma jornada coletiva de descoberta, respeito e celebração da diversidade cultural e biológica. Linda Tuhiwai Smith (2018) enfatiza a importância vital de reexaminar e questionar as bases do processo de pesquisa, interpretando-o como uma forma de desafiar o colonialismo e as estruturas de conhecimento que ele sustenta, as quais historicamente configuraram representações e discursos sobre "o outro". Esta perspectiva questiona



as premissas tradicionais da pesquisa, frequentemente baseadas em uma concepção universal do conhecimento, centrada na figura do homem branco, europeu e patriarcal, e marginaliza outras noções e saberes. Smith defende uma mudança significativa na maneira como o conhecimento é produzido e valorizado, buscando promover um reconhecimento e inclusão mais amplos das várias formas de produzir conhecimento (SMITH, 2018).

A integração dos saberes tradicionais nas investigações e metodologias de ensino, por meio da abordagem das Encanterias, transcende a mera preservação cultural; ela inaugura um espaço de diálogo inclusivo e equânime entre variadas formas de conhecimento, nutrindo princípios de cuidado mútuo, reciprocidade e respeito. Esta maneira de conduzir a pesquisa vai além de sua função investigativa, posicionando-se como um movimento de reinterpretação e interação com o mundo. Opta-se, assim, por uma abordagem que reconhece e celebra a pluralidade dos conhecimentos. Tal perspectiva não apenas propõe uma alteração nas hierarquias de poder dentro do ambiente acadêmico, mas também busca influenciar as estruturas sociais e culturais de maneira mais abrangente.

Além disso, adotar as Encanterias como pista teórico-metodológica significa comprometer-se com um processo contínuo de decolonização, tanto do pensamento quanto da prática docente. Isso implica reconhecer e desfazer os legados coloniais que ainda permeiam os processos de pesquisa, de fazer e ensinar Arte, substituindo-os por uma prática comprometida com a diversidade, a interculturalidade e a pluralidade de vozes e perspectivas. Em essência, as Encanterias se apresentam não apenas como uma abordagem teórico-metodologia, mas como um compromisso ético/estético e político com a transformação social, apoiando-se na crença de que a arte/educação pode e deve ser um espaço de força inventiva, de curiosidade e de revitalização de existências.

Nessa jornada em busca de diálogos com autores e autoras para fundamentar esta abordagem, o pensamento de Arturo Escobar (2018) emerge como um farol, propondo a pluriversalidade como um paradigma para compreender nossas maneiras de existir.



Escobar desafia a prevalência do universalismo, argumentando em favor da necessidade urgente de reconhecer, valorizar e integrar a diversidade de mundos, culturas e conhecimentos que compõem o nosso planeta. Ele defende métodos de criação que sejam inclusivos, participativos e colaborativos, capazes de respeitar e exaltar as singularidades de cada localidade, fomentando assim a autonomia e uma interdependência significativa entre as comunidades. O trabalho de Escobar nos convida a repensar nossas práticas sociais, educacionais e de convivência, encorajando a construção de futuros sustentáveis e equitativos. Este apelo à ação enfatiza a diversidade não apenas como um valor a ser tolerado, mas como um aspecto essencial a ser ativamente cultivado e integrado em nossas vidas.

Se as reflexões de Arturo Escobar (2018) se apresentam como um farol iluminando o caminho para a pluriversalidade, então a pedagogia do amor surge como uma bússola conceitual, orientando-nos em direção à esperança. Este enfoque, enraizado nas obras de bell hooks (2020), Paulo Freire (2021) e Aza Njeri (2020), transcende uma mera revisão teórico-metodológica para propor uma redefinição ontológica e epistemológica do ato de fazer pesquisa. Essa abordagem redefinidora sugere que a pesquisa não deve ser vista apenas como um exercício acadêmico, mas como um ato de amor — estar em transfluênciaⁱⁱ, como nos ensinou Nego Bispo (SANTOS, 2023), com o “objeto” de estudo, reconhecendo sua complexidade e humanidade. A abordagem teórico-metodológica das Encanterias nos desafia a repensar como nos relacionamos não só com o conhecimento, mas também com os sujeitos de nossa pesquisa, com nossos colegas e com as comunidades envolvidas. Essa redefinição ontológica e epistemológica do fazer pesquisa representa um compromisso com a construção de futuros onde o conhecimento é gerado não apenas com rigor, mas com respeito a diversidade de experiências e existências que compõem o tecido social.

Dialogar com esses pensadores e pensadoras revela uma noção de pesquisa na qual o amor, a indignação e o ato político-poético não apenas se entrelaçam, mas confluem de maneira poderosa para decolonizar tanto o pensamento quanto a prática educativa. Nessa intersecção, o amor transcende sua compreensão tradicional, emergindo como uma força revolucionária que desafia as estruturas opressivas e promove uma prática fundamentada na liberdade, na equidade e no respeito mútuo. A indignação, por sua



vez, atua como um catalisador para a ação crítica, impulsionando docentes e discentes a questionarem e a transformarem as realidades injustas que permeiam as sociedades. Juntos, esses elementos constituem um ato político-poético que reimagina a arte/educação como espaço de resistência, diálogo e emancipação, onde aprender e ensinar são atos intrinsecamente ligados à construção de futuros possíveis, abrindo caminhos para acreditarmos que “existem modos de vida fora da colonização” (Santos, 2023, p. 47).

No processo de sistematização da abordagem das "Encanterias", delineio uma estrutura teórico-metodológica alicerçada em quatro pilares fundamentais:

1) A escuta amorosa, que ritualiza processos e permite que histórias de vida se afirmem diante das narrativas hegemônicas - A escuta amorosa é uma prática empática e integral de comunicação que transcende a mera audição para envolver uma conexão respeitosa com o Outro, caracterizada por empatia, presença, validação e respeito. Este conceito, enfatizado por autores como Santos - Nego Bispo (2023), Krenak (2019) e Paulo Freire (2021), é fundamental em contextos educacionais, terapêuticos e de diálogo intercultural, promovendo a “cura” e o entendimento mútuo. Através da escuta amorosa, cria-se um espaço seguro que permite a expressão autêntica e a afirmação das experiências vividas, facilitando a construção de relações significativas e contribuindo para a superação de narrativas hegemônicas e a promoção da diversidade cultural e epistemológica;

2) Exercícios a partir das práticas artísticas que ativam outras geopolíticas do sentir e do fazer em Arte/Educação, lembrando-nos de que existem modos alternativos de conduzir a pesquisa - A referência neste procedimento se alicerça na pesquisa baseadas nas artes, defendendo que as artes oferecem modos únicos de compreensão e expressão que são essenciais para o desenvolvimento humano integral. Eisner e Barone (2012), argumentam que as artes cultivam o pensamento crítico, a expressão pessoal e a empatia, os autores explicam como a pesquisa baseada nas artes pode transcender as abordagens tradicionais, permitindo uma investigação mais coerente acerca da experiência humana. Juntos, eles destacam a importância da integração da criação artística no ensino e na pesquisa, sugerindo que



tais práticas podem desafiar convenções e promover uma compreensão multifacetada do mundo;

3) Articulações entre prática artística e prática docente, desafiando hierarquias ou dicotomizações e promovendo maneiras outras de ensinar e aprender artes visuais - A integração da prática artística com a prática docente favorece abordagens interdisciplinares e transdisciplinares, onde o conhecimento não é compartimentado, mas visto como um continuum. Isso permite que pesquisadores em formação inicial façam conexões inventivas entre diferentes áreas do saber, promovendo uma aprendizagem holística e significativa. A prática artística estimula a reflexão, a crítica e a interpretação, habilidades que são igualmente valiosas na prática docente. Essa integração desafia os paradigmas educacionais tradicionais e oferece outras possibilidades para o desenvolvimento de práticas de pesquisa e ensino mais dinâmicas, significativas e transformadoras. Através dessa sinergia, possibilita experienciar outras formas de conhecimento e compreensão, promovendo uma educação que é verdadeiramente centrada no desejo de aprender e na sua relação com o mundo; e

4) Referencialidades que englobam artistas da América Latina, mitologias e cosmologias, momentos de encantamento e ritualização - A referencialidade nas "Encanterias" abrange uma abordagem teórico-metodológica que estabelece um diálogo multifacetado com artistas, tradições, culturas, teorias e práticas, enfatizando a interconexão entre saberes ancestrais e questões contemporâneas. Essa abordagem propicia a intertextualidade e a interdisciplinaridade, integrando conhecimentos de diversas áreas em um processo de aprendizado e criação artística que é ao mesmo tempo crítico, reflexivo e pessoal. Através da referencialidade, as "Encanterias" buscam não apenas preservar e valorizar conhecimentos tradicionais, mas também engajar-se de maneira crítica com o presente, permitindo a expressão individual dentro de um contexto coletivo e culturalmente plural, desafiando paradigmas educacionais e artísticos ao promover uma prática que é dinâmica, inventiva e enraizada em um diálogo contínuo com um leque diversificado de influências e perspectivas.



Portanto, essa abordagem não constitui apenas um método, mas também um manifesto; um convite para viver e pensar de forma a celebrar e potencializar a experiência humana e não humana em toda sua diversidade. Desafia-nos a sonhar, a sentir e a nos comprometer, com renovada paixão, com a construção de um futuro no qual a diversidade não seja apenas aceita, mas sim celebrada.

É fundamental ressaltar que o conjunto de provocações em torno da concepção teórico-metodológica das Encanterias foi alimentado por uma trajetória investigativa dedicada a uma Arte/Educação dissidente (WOSNIAK, 2022;2023^a;2023b). Sendo assim, esta exposição, que recebe o nome de "Imagens Insurgentes", é outra provocação para continuar investindo em maneiras mais criativas de exercer a docência no ensino superior, um ato de resistência contra os cânones coloniais ainda prevalentes no meio acadêmico.

Para experimentarmos uma outra maneira de leitura sobre um trabalho de pesquisa, convido o leitor ou a leitora a observar as imagens logo após este breve relato acerca do que é a pesquisa desses estudantes da Licenciatura em Artes Visuais.

1) Erlom da Silva Santos investiga a tradicional produção da farinha de mandioca em Anajás/PA, uma prática cultural enraizada em sua própria infância e subjetividade. Diante dos desafios impostos pela industrialização dos alimentos e degradação ambiental, seu trabalho adquire uma relevância singular, buscando não apenas documentar, mas revitalizar e valorizar essa tradição ancestral. Utilizando a fotografia como ponto de partida, Erlom emprega técnicas artísticas como a cianotipia, antotipia e fitotipia.

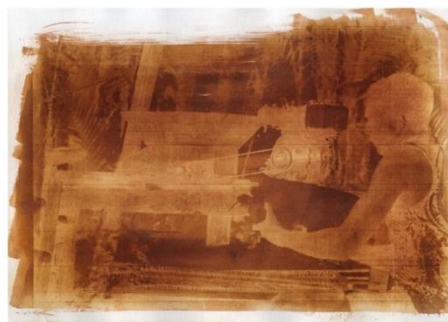
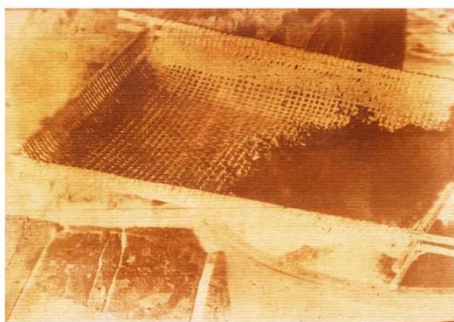


Imagem 1e 2. Erlom da Silva Santos. Cianotipia, 2023. Imagens Insurgentes, 2024.
Acervo do autor

2) Denne Santos, inspirado pelas visões capturadas através da janela do ônibus, dedica-se a investigar as vidas das pessoas em situação de rua. Este período de observação marca o início de sua pesquisa, focada em registrar as histórias, as vestimentas e os modos de vida dessas pessoas. Escolhendo o papelão como suporte para suas pinturas, Denne não apenas encontra um ponto de conexão material com seus sujeitos, mas também eleva esse elemento a um símbolo de conforto e resistência. O uso do papelão reflete uma empatia e crítica social, transformando cada trabalho em um ato de reconhecimento da humanidade e das complexas realidades enfrentadas por pessoas em situação de rua.



Imagem 3 e 4. Denne Santos. Óleo sobre papelão, 2023. Imagens Insurgentes, 2024. Acervo do autor

3) David Alan, aproveitando da sua conexão com a Ilha de Santana/AP, onde residiu por vários anos, dá início a um projeto de pesquisa com o objetivo de preservar as histórias orais da região. Por meio de diálogos com um dos moradores mais antigos



da ilha, ele recolhe relatos sobre aparições e fenômenos sobrenaturais da região amazônica. Estas histórias, meticulosamente registradas, servem como referência para Alan, que passa a criar desenhos minuciosos retratando a existência dessas entidades. Seu trabalho artístico não se limita a documentar tais narrativas; ela se estabelece como um instrumento para perpetuar e enaltecer a cultura da Ilha de Santana.



Imagem 5 e 6. David Alan. Nanquim sobre Canson, 2023. Imagens Insurgentes, 2024. Acervo do autor

4) Pedro Valente mergulha em uma pesquisa artística ancorada na filosofia ciborgue de Donna Haraway (1991), aliada a um vasto acervo de imagens de body horror. Inspirando-se em poses de modelos de revistas de moda e em filmes como "Blade Runner (1982)" e "Hellraiser (1990)", seus desenhos exploram a interseção entre o estético e o grotesco, provocando uma reflexão sobre as normas de gênero e





sexualidade. Utilizando o horror corporal para questionar as fronteiras entre o humano e o artificial, Pedro cria desenhos que desafiam as categorizações binárias de gênero, promovendo um debate sobre identidade e resistência em um contexto de crescente hibridização.

Imagem 7 e 8. Pedro Valente. Nanquim sobre Canson, 2023. Imagens Insurgentes, 2024. Acervo do autor

5) Elenir Souza dos Santos dedica-se à pesquisa de seus ancestrais ribeirinhos através de uma "arqueologia das fotos de família", utilizando a técnica da fitotipia para transferir e reinterpretar essas imagens. Este método proporciona a Elenir uma conexão orgânica com o passado, em que cada trabalho reflete uma combinação única da imagem original, sua interpretação artística e a memória das ervas medicinais. Dessa forma, a pesquisa de Elenir não apenas resgata lembranças dos saberes medicinais dos povos amazônicos, mas também destaca a importância da relação entre seres humanos, água e o ambiente natural.



Imagem 9 e 10. Elenir Souza dos Santos. Fitotipia, 2023. Imagens Insurgentes, 2024. Acervo do autor

Por uma outra maneira de pesquisar e ensinar Artes Visuais

A compreensão da colonialidade, distinta, mas profundamente entrelaçada com o colonialismo histórico, requer uma análise que transcenda as manifestações políticas e econômicas, adentrando as esferas do saber. A persistência de estruturas de poder colonial nas práticas acadêmicas, culturais e sociais contemporâneas sugere uma necessidade urgente de decolonização que vai além da independência política ou econômica. Neste contexto, a obra de Grosfoguel (2016) nos lembra que a colonialidade do saber é um fenômeno que perpetua o racismo e o sexismo nas universidades ocidentalizadas, apontando para os genocídios e epistemicídios que moldaram a estrutura do conhecimento global desde o longo século XVI. Esta crítica ao monopólio epistêmico ocidental ecoa nas reflexões de Mignolo (2003), que identifica a colonialidade como um aspecto intrínseco da modernidade ocidental, argumentando que a decolonização do saber implica reconhecer e valorizar as epistemologias subalternizadas.

A proposta de decolonialidade estética de Gómez (2019) introduz uma perspectiva revolucionária ao debate sobre a decolonização da arte e da cultura. Ao enfatizar as "geopolíticas do sentir, pensar e fazer", Gómez desloca o foco da mera crítica das estruturas de poder coloniais para a valorização e incorporação de práticas e expressões historicamente marginalizadas. Esta abordagem não apenas questiona,



mas também procura subverter as categorizações e hierarquias impostas pelo colonialismo na produção artística e cultural. Ao fazer isso, Gómez insiste na necessidade de reconhecer e valorizar as formas de expressão cultural e artística que resistem e se opõem às normativas coloniais, promovendo, assim, uma verdadeira diversidade de vozes e experiências.

Navegando pelas correntes vivas da decolonialidade estética, orientador e orientandos embarcaram em uma viagem que transcende a crítica às sombras do passado colonial, rumo a um horizonte onde o ensino de arte e a cultura se fundem em um mosaico vibrante de possibilidades futuras. Esta expedição nos encaminhou a mergulhar nas profundezas de conhecimentos e referencialidades artísticas, muitas vezes inexploradas, desafiando-nos a repensar os modos pelos quais criamos e interagimos com a arte.

Assim, emergem ideias que, a cada dia, são mais bem experimentadas e, na linguagem da academia, sistematizadas, sem asfixiar nossas potencialidades. Elas são elaboradas em um espaço-tempo que acompanha o fluxo da criação.

Assim, a exposição "Imagens Insurgentes" surge como um espaço que é simultaneamente crítico, reflexivo e experimental, não se restringindo apenas ao campo das artes visuais, mas também ao processo investigativo que integra a prática artística com a docência. Essa mostra coletiva se revela como um mosaico de expressões visuais que, em conjunto, instigam o espectador a questionar e desaprender as estruturas normativas que influenciam a percepção e a vida cotidiana. Os trabalhos exibidos não somente manifestam uma insurgência contra as narrativas predominantes, mas igualmente sugerem um processo de reexistência; um convite para reimaginar e reconstruir formas de fazer, sentir e pensar a pesquisa em Arte/Educação e seu ensino.

A proposição teórico-metodológica das Encanterias nos guia como um farol, desafiando as convenções acadêmicas ao valorizar saberes ancestrais, místicos e espirituais das tradições afro-ameríndios como legítimos campos de conhecimento.

Encanterias e Arte/Educação dissidente questionam a hierarquia tradicional dos saberes, propiciando experimentações epistemológicas mais democráticas e que



consideram saberes ancestrais, histórias de vida subalternizadas, outras cosmologias. As Encanterias buscam a descolonização do pensamento, subvertendo lógicas coloniais para fomentar uma pluralidade epistemológica. Além disso, implicam uma prática de pesquisa ética, respeitando a autodeterminação das pessoas, enfatizando a importância do consentimento informado e uma reflexão constante sobre a posição e impacto do pesquisador.

Partindo das premissas teórico-metodológicas das Encanterias e de uma prática dissidente em Arte/Educação, avançamos em direção à construção de futuros possíveis. Nesses futuros, existir vai além da mera resistência, o amor se desvencilha da condição de mercadoria, e a Educação se transforma em um espaço de compartilhamento de conhecimentos que celebram e sustentam a vida, em vez de perpetuar espaços de poder que fomentam epistemicídios e genocídios. Alimentamos a esperança de um mundo onde a educação, o amor e a existência prosperem, livres dos marcadores que extinguem a pluralidade. Distanciando-nos das dinâmicas de opressão e destruição, criamos, nesse microcosmo, nossas maneiras de viver, existir, pesquisar e praticar a Arte/Educação. Não imaginem, leitores e leitoras, que esta seja uma tarefa fácil...

Referências

AZOULAY, Ariella Aïsha. História potencial. São Paulo: UBU, 2024.

BARONE, Tom.; EISNER, E.W. Arts based research. USA: SAGE, 2012.

ESCOBAR, A. Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds. Duke University Press, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GÓMEZ, P. P. Decolonialidade estética: geopolíticas do sentir, do pensar e do fazer. Revista GEARTE, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92910. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92910>. Acesso em: 27 abr. 2024.

GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.



Sociedade E Estado, 2016, 31(1), 25–49. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>. Acesso em: 27 abr. 2024.

GUEDES JUNIOR, Napoleão dos Santos; WOSNIAK, Fabio. Encanterias: saberes dissidentes no ensino/aprendizagem de artes visuais. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 125–138, 2022. DOI: 10.5965/24471267832022125. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22863>. Acesso em: 27 abr. 2024.

hooks, bell. Tudo sobre amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

KRENAK, A. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/ Projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NJERI, AZA. Amor: um ato político-poético. In: SANTOS, Franciele Monique S. dos; CORRÊA, Diogo Silva (Orgs.). Ética & Filosofia: **Gênero, Raça e Diversidade Cultural**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 43-74. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1-835-_6m0zXikl9Md_ZYxiB85Z7xvIPi/view.> Acesso em: 27 abr. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo, A terra da, a terra quer. São Paulo: UBU/PISEAGRAMA, 2023.

SNITH, Linda Tuhiwai. Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

WALSH, C. Pedagogías Decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re) vivir. Quito: Ediciones Abya-Ayala, 2013.

WOSNIAK, Fabio. Desaprender, perguntar-se, escutar: rotas para pensar uma arte educação dissidente. Palíndromo, Florianópolis, v. 15, n. 35, p. 53–73, 2023a. DOI: 10.5965/2175234615352023053. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/22809>. Acesso em: 27 abr. 2024.

WOSNIAK, Fabio. DESAPRENDIZAGENS – POR UMA ARTE/EDUCAÇÃO DISSIDENTE. In: Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP. Anais. Recife (PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/513529-DESAPRENDIZAGENS--POR-UMA-ARTEEDUCACAO-DISSIDENTE>. Acesso em: 27/04/2024.

WOSNIAK, Fabio. Imagens dissidentes: desaprendizagens e desobediência epistêmica. In: WOSNIAK, Fabio (org.). Experiências dissidentes: pensamentos desobedientes na arte contemporânea. Macapá: Unifap, 2023b. (Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais.)

Notas



ⁱ Catherine Walsh propõe uma transdisciplinaridade focada na descolonização do saber, promovendo um diálogo inclusivo entre conhecimentos científicos e saberes marginalizados. Ela critica a hierarquia epistêmica colonial e vê a transdisciplinaridade como um ato político e ético, essencial para a justiça social e ambiental. Walsh enfatiza práticas pedagógicas que desafiam normas excludentes e apoia uma ética do cuidado, visando uma relação sustentável com o mundo. Sua abordagem transdisciplinar é vista como crucial para resolver desafios globais de forma integrada e equitativa (WALSH, 2013).

ⁱⁱ Transfluência, um conceito cunhado por Nego Bispo, descreve o processo contínuo e dinâmico pelo qual culturas, especialmente aquelas marginalizadas, não apenas se encontram e interagem, mas transcendem e transformam essas interações em novas formas de expressão e existência. Este termo enfatiza a capacidade de fluir além das fronteiras tradicionais, criando espaços de resistência, renovação e liberdade cultural (SANTOS, 2023).